



# Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!  
Quem me dera que se gravassem num livro!"

16 19:23

# Literatura



Artur Azevedo  
*A joia*



**Iba Mendes Editor Digital**

[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

*A joia*

Artur Azevedo

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

---

Publicado originalmente em 1879.

Livro Digital nº 522 - 2ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

**Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo**

**(1855 - 1908)**



**Iba Mendes Editor Digital**

**[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)**

# PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n'alma  
É germe — que faz a palma,  
É chuva — que faz o mar.*

**Castro Alves**

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

\*\*\*

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: [iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com), a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

\*\*\*

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

\*\*\*

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

**Iba Mendes**

# A JOIA

## DRAMA EM TRÊS ATOS, EM VERSOS



### PERSONAGENS:

VALENTINA  
JOAQUIM CARVALHO  
JOÃO DE SOUZA  
GUSTAVO  
UM JOALHEIRO  
UM SUJEITO

*Rio de Janeiro, 1874.*

### ATO I

*Sala de visitas em casa de Valentina. Duas portas de cada lado e duas janelas de sacada ao fundo. À esquerda do espectador, sofá; ao lado deste, poltrona. À direita, escrivaninha, com preparos para escrever. Cadeiras, consolos com porta-joias, estatuetas, quinquilharias, etc. Nos intervalos das portas, gravuras ricamente emolduradas. Reposteiros de lã em todas as portas e cortinas de rendas às janelas. Piano. Tapete. Lustre de gás. É dia.*

### CENA I

*Valentina, um sujeito.*

*(Valentina está sentada na poltrona, de penteador branco. O sujeito de pé, pronto para sair, de chapéu na cabeça, tem uma das mãos entre as dela)*

VALENTINA

Adeus. De mim não se esqueça  
Nem do número da porta.

O SUJEITO

Não.

VALENTINA

Se, de saudades morta  
Me não quer ver, apareça.

O SUJEITO (*aborrecido*)

Adeus.

VALENTINA

Adeus. (*Ele vai saindo*) Até quando?

O SUJEITO (*parando*)

Prometo voltar bem cedo.

VALENTINA

Não minta.

O SUJEITO

Não tenhas medo!

Pois eu vivo em ti pensando. (*Sai*)

## CENA II

*Valentina, só.*

VALENTINA

Pensando em mim!... Na verdade,

O tempo emprega bem mal.

(*Abrindo o envelope que o sujeito lhe tem deixado nas mãos*)

Sim senhor, foi liberal.

Quanta generosidade!...

(*Erguendo-se, e como que dirigindo-se ao sujeito que acaba de sair*)

Bem! cá fica arquivado

no livro dos preciosos...

(*Tirando três cédulas do envelope*)

Que três bilhetes formosos!

Fazem-lhe falta... Coitado...

Sei de dois credores seus  
que a porta não lhe abandonam,  
e sei também que tencionam  
mandar citá-lo... (*Outro tom*) Ora, adeus!

Deixemos estas lembranças...

Fechemos a porta à chave...

(*Vai fechar a porta da esquerda, segundo plano, e voltando à cena, vai abrir uma das gavetas da secretária*)

E, nesta solidão suave,  
vamos tratar de finanças.

Esta semana rendeu!

A receita, com certeza,  
cento por cento a despesa  
nestes dias excedeu.

(*Senta-se à secretária, donde tira um monte de notas de banco, que põe-se a contar*)

Dez, vinte, trinta, quarenta,  
cento e quarenta, duzentos,  
trezentos, e quatrocentos,  
quinhentos e cinquenta,  
seiscentos... — Que nota antiga!

Não estará recolhida?

(*Guarda pressurosa o dinheiro, por ouvir bater à porta*)

Quem está aí?

GUSTAVO (*fora*)

Sou eu, querida!

VALENTINA (*erguendo-se*)

Gustavo?

GUSTAVO (*fora*)

Sim, minha amiga.

(*Valentina vai abrir a porta a Gustavo, que entra*)

### CENA III

*Valentina, Gustavo.*

VALENTINA (*apertando-lhe a mão*)

Não te esperava já, palavra de honra!

GUSTAVO

Já? Querias que eu ficasse eternamente lá?

VALENTINA

Deste-te bem?

GUSTAVO

Então? Não vês como estou nédio?

Para o *blazé* não há mais eficaz remédio  
do que passar um mês de vida regular  
onde os prazeres são difíceis de encontrar.

O físico e o moral a roça purifica:  
tens precisão também da roça, minha rica.

(*Repoltreando-se na poltrona*)

Dize-me cá: tem vindo o deputado?

VALENTINA (*encostando-se ao espaldar da poltrona*)

Tem.

GUSTAVO

O João Ramos?

VALENTINA

E o Pimenta?

VALENTINA

Também.

GUSTAVO

Que bons amigos tens! Sou eu que tos arranjo!  
Em consideração deves tomar, meu anjo...



VALENTINA (*descendo à cena*)  
Pois queres mais dinheiro?! És exigente.

GUSTAVO  
Sou; mas vê lá também a roda que te dou!

VALENTINA (*sentando-se à direita*)  
Não trouxeste o melhor dos que aqui vêm agora.

GUSTAVO  
Quem é? Não é segredo?

VALENTINA  
Um tipo que me adora!  
Um fazendeiro rico e velho que supõe  
ser ele só que os pés em minha casa põe.

GUSTAVO (*com interesse*)  
E onde foste encontrar esse tesouro raro?

VALENTINA  
No Prado Fluminense. Eu vi-o, deu-me o faro,  
sorri-lhe, ele sorriu-me... Eu dei-lhe o meu cartão...  
Veio. Adora-me e... crê que tenho coração.

GUSTAVO  
Um fazendeiro é mina; e quanto mais se explora,  
mais ouro dá!... Pois bem, caríssima senhora,  
— não é por me gabar — acredito que o seu  
é muito bom, mas tenho um ótimo!

VALENTINA  
Tu?

GUSTAVO  
Eu.

VALENTINA (*erguendo-se*)

Onde ele está?

GUSTAVO (*idem*)

Depois... depois nós falaremos...

VALENTINA

Mas que custa dizer?

GUSTAVO

Tempo de sobra temos.

VALENTINA

Mas dize-me...

GUSTAVO

Não posso agora; logo mais voltarei.

VALENTINA

'Stás com pressa?

GUSTAVO

Estou.

VALENTINA

Aonde vais?

GUSTAVO

Subi só por te ver. Espera-me um amigo  
que convidado está para almoçar comigo.

VALENTINA

Bem; vai e volta.

GUSTAVO

Dá-me uns cinquenta mil-réis.

VALENTINA (*vai à secretária e conta o dinheiro*)  
Com muito gosto. É já... Dois, quatro, cinco, seis...  
Dez e dez vinte, e trinta... Ah! Cinquenta... Pega!  
(*Dá o dinheiro a Gustavo que o guarda*)

GUSTAVO  
Obrigado. Até logo! (*Sai por onde entrou*)

VALENTINA  
Adeus. (*Só*)  
Supõe-me cega...  
Com tal balela quis uns cobres me apanhar! (*Fechando a porta*)  
Enfim... Vamos a ver... Bem posso me enganar.

#### CENA IV

*Valentina, só.*

(*Senta-se de novo à secretária, abre-a e recomeça a contar dinheiro*)

VALENTINA  
Terminemos esta conta...  
Três contos... quatro e quinhentos...  
e seiscentos... setecentos...  
Quase a cinco contos monta  
desta semana a receita!  
Vamos conferir... (*Toma a pena*) O Ramos  
deu-me na quarta... — Escrevamos —  
oitocentos de uma feita... (*Escrevendo*)  
“Oitocentos”. (*Pensa*) O Pimenta  
aquele broche me deu  
que há três dia me rendeu  
trezentos e cinquenta...  
Entregou-me o deputado  
todo o subsídio. Que bolo!...  
É justo: um fútil, um tolo,  
que só diz “muito apoiado”

e ganha um conto e quinhentos. (*Escreve*)  
Deu-me no dia seguinte  
Mais quatro notas de vinte...  
O Sá tem dado trezentos...  
O fazendeiro... (*Batem à porta*)  
Quem é?  
Já lá vou! (*Guardando o dinheiro que estava espalhado*)  
Deve estar certo...  
Levo isto ao Banco, que é perto,  
daqui a pouco. (*Batem de novo*)  
Olé! Olé!  
Com que pressa está!

O JOALHEIRO (*fora*)  
Estou!  
Não se acha em casa a senhora?

VALENTINA  
Se quer, espere!

O JOALHEIRO (*fora*)  
A demora é pequenina.

VALENTINA  
Lá vou. (*Vai abrir a porta: entra o Joalheiro com uma caixa de joias na mão*)

## CENA V

*Valentina, o Joalheiro.*

VALENTINA  
Ah! é o senhor!

O JOALHEIRO (*abrindo a caixa, deixa ver um formoso par de bichas de brilhantes*)  
Ora veja!

VALENTINA

Vem aqui tentar-me, aposto!

O JOALHEIRO

Não tentei nunca, nem gosto  
de tentar quem quer que seja.

*(Entregando a joia a Valentina que a examina)*

Venho mostrar-lhes uns brilhantes

como os Farâni não os tem;

Se os quer comprar, muito bem!

Se os não quer, passo adiante.

Não tento... não sei tentar...

Apenas lhos ofereço...

Nem sequer os encareço...

Isto é pegar, ou largar!

Veja bem que são granditos!

Sem jaça... veja... sem jaça...

Examine... veja... faça

O que quiser.

VALENTINA

São bonitos!

O JOALHEIRO

'Stou a vendê-los disposto:

se lhos vim mostrar agora,

é porque sei que a senhora

pode comprar, e tem gosto.

Não tento... tentar não vim...

VALENTINA *(fechando ao caixa)*

E baratinho mos vende?

O JOALHEIRO

Ora, a senhora compreende

que dois brilhantes assim...

de dez quilates!... É boa!

VALENTINA (*abrindo de novo a caixa*)

Dez quilates?

O JOALHEIRO

Está visto!

VALENTINA

Porém quanto valem?

O JOALHEIRO

Isto não são brilhantes à toa!

VALENTINA

Bem vejo! Que tentação!

(*Vai ao espelho e chega uma das bichas à orelha*)

O JOALHEIRO

Não são joias de mascates,  
brilhantes de dez quilates...  
sem jaça... como estes são!...

VALENTINA

Mas o preço?

O JOALHEIRO

Ora, avalie...  
A senhora os tem comprado...

VALENTINA (*descendo*)

Quatro contos!

O JOALHEIRO (*tomando a joia*)

Obrigado!

Por favor não calunie  
os meus brilhantes! (*Mostrando-lhos*) Repare!  
Cravados em dois anéis,  
davam dez contos de réis!

Ambas as pedras compare:  
são iguais... não vale a pena  
separar... (*Fecha a caixa*) Dou-lhe os marrecos...

VALENTINA  
Por quanto?

O JOALHEIRO  
Por seis contecos.  
A diferença é pequena...

VALENTINA  
Não tenho dinheiro agora;  
leve os brilhantes. Adeus! (*Vai sentar-se à direita*)

O JOALHEIRO  
Ora por amor de Deus!  
Que não mos pague a senhora,  
mas algum...

## CENA VI

*Valentina, o Joalheiro, Joaquim Carvalho.*

*(Joaquim Carvalho entra pela esquerda, segundo plano, sem reparar no Joalheiro que, de costas voltadas para ele, limpa as bichas com o lenço)*

CARVALHO  
Cá vou entrando. (*Tomando as mãos ambas de Valentina*)  
Como estás?

VALENTINA  
Bem, obrigada.  
Mas de saudades ralada...  
e você nem se lembrando  
talvez que existo!

CARVALHO (*protestando*)  
Ó minha... (*Vendo o Joalheiro interrompe-se*)  
Quem é aquele senhor?

VALENTINA  
Um caixeiro.

CARVALHO  
Manda-o pôr a panos.

VALENTINA  
Uma continha  
vem receber, e não há  
com que pagar...

CARVALHO  
Não me espanta!  
Gastas tanto, minha santa!  
Queres dinheiro? (*Tirando a carteira*) Aqui está.  
Quanto lhe deves?

VALENTINA  
Pouquito:  
oitenta mil réis.

CARVALHO  
É pouco. (*Dando-lhe uma nota de cem mil réis*)  
Paga, e fica tu com o troco,  
enquanto eu leio o *Mosquito*.

(*Senta-se à direita e lê um periódico de caricaturas que vai buscar sobre a secretária. Valentina dirige-se ao Joalheiro*)

O JOALHEIRO (*a meia voz*)  
'Stá terminado o negócio?

VALENTINA (*idem*)



Vá para casa, que em breve  
alguém procurá-lo deve.

O JOALHEIRO  
Se não estou eu, está meu sócio.  
Se uma decisão dar pode...

VALENTINA  
Irei eu mesma em pessoa  
em meia hora!

O JOALHEIRO  
Essa é boa!  
Não quero que se incomode,  
nem tenho mais pretendentes...

VALENTINA  
Em meia hora lá estou.

O JOALHEIRO  
Bem! bem! descansado vou.

VALENTINA  
Até logo!

*(O Joalheiro sai por onde entrou)*

## CENA VII

*Valentina, Joaquim de Carvalho.*

CARVALHO *(deixando periódico)*  
Impertinentes  
são estes credores!

VALENTINA  
São;

por isso é que me coíbo  
de dever muito;

CARVALHO

E o recibo?  
Pediste-lho?

VALENTINA

E por que não?  
*(Aproximando-se de Carvalho e passando-lhe o braço em volta do pescoço)*  
Por que não vieste esta noite?  
Ai, que saudades eu tive!  
Para a mísera que vive  
de teu amor, fero açoite  
é tua ausência! Sozinha  
a noite inteira passei...  
Lembrei-me tanto... Nem sei  
mesmo por quê...

CARVALHO

Coitadinha!

VALENTINA *(sentando-se num tamborete, aos pés do Carvalho)*  
Porém, vamos lá saber:  
e tu?... tu como passaste?

CARVALHO

Assim...

VALENTINA

De mim te lembraste?

CARVALHO

De ti me posso esquecer?  
E tu?

VALENTINA

Muito despeitada...

CARVALHO

Por que, meu bem?

VALENTINA

Faze ideia:

desejar uma teteia

e não poder... Que maçada!

CARVALHO

Não poder o quê?

VALENTINA

Comprá-la.

CARVALHO

Por que comprá-la não podes?

VALENTINA

Pois pensa que a dão de godes?

CARVALHO

Se é muito cara, deixá-la!

VALENTINA

É difícil esquecer!

CARVALHO

Dificuldades não vejo...

VALENTINA (*erguendo-se*)

Sufocar o meu desejo!

Matá-lo logo ao nascer!

Esquecer! Fora um suplício!

Pois desejar hei de em vão! (*Batendo o pé*)

Oh! não! não!... Mil vezes não!...

CARVALHO (*erguendo-se*)  
Mas eu não digo...

VALENTINA (*evitando-o*)  
Outro ofício!

CARVALHO  
Menina, não te exacerbes!  
Se queres a tal teteia,  
não me faças cara feia,  
que dentro em pouco a recebes!  
(*Tomando o chapéu que deixou na cadeira perto da secretária*)  
Dize-me o que é que num salto,  
vou buscá-la. Dize! o que é?...

VALENTINA (*à parte*)  
Parece estar de maré...  
Preparemos este assalto!...

CARVALHO  
Algum chapéu enfeitado  
pras corridas de amanhã?  
Algum vestido de lã?

VALENTINA (*com desprezo*)  
Lã.

CARVALHO  
Ou seda.

VALENTINA  
'Stá enganado.  
É um capricho.

CARVALHO (*deixando o chapéu*)  
Ah! caprichas?

VALENTINA

Procure.

CARVALHO

É coisa que enfeita?

VALENTINA

É uma cosa que se deita  
nas orelhas!

CARVALHO

Umas bichas?

VALENTINA

Tem talento: adivinhou! (*Senta-se no sofá*)

CARVALHO

Nas orelhas... Pois quem julga  
não sejam bichas? (*À parte*)  
Co'a pulga  
atrás das minhas estou.  
De que são as bichas?

VALENTINA

Ora!

CARVALHO (*à parte*)

Estes caprichos aleijam...

VALENTINA (*erguendo-se*)

Pois há bichas que não sejam  
de brilhantes?

CARVALHO

Sim, senhora:  
há bichas de coralina;  
há de esmeralda, safira,

de pingos d'água...

VALENTINA

Mentira!

CARVALHO

Não me desmintas, menina!  
Aos teus desejos conforme  
'stou, mesmo quando caprichas;  
mas entre teteias e bichas  
há uma diferença enorme!

VALENTINA

Em quê?

CARVALHO

No preço: a teteia  
é sempre coisa miúda,  
e as bichas, Deus nos acuda!

VALENTINA

Nem tanto assim!

CARVALHO

Faço ideia  
que essas, que desejas tanto,  
custam dois contos!

VALENTINA (*irônica*)

Ou três!

Sem os brilhantes talvez...

CARVALHO (*benzendo-se*)

Padre, Filho e Espírito Santo!

VALENTINA

Valem dez contos de réis;

o dono, que é meu amigo,  
além de freguês antigo,  
deixa-as...

CARVALHO  
Por quanto?

VALENTINA  
Por seis.

CARVALHO  
Seis contos!

VALENTINA  
Então não valho  
seis contos, meu... Que chalaça!  
Não me lembra a tua graça!

CARVALHO (*sombrio*)  
Joaquim dos Santos Carvalho.

VALENTINA  
Meu Quincas, meu Carvalhinho,  
meu primeiro amor!

CARVALHO (*à parte*)  
Tramoias.

VALENTINA  
Uma mulher que quer joias  
é o mesmo que o nenezinho  
que quer balas!

CARVALHO (*à parte*)  
Não sou zebra,  
que, se quer balas alguém,  
compra-as a três por vintém;

e recebe uma de quebra. (*Alto*)  
Menina, deixa os brilhantes  
para essas escandalosas  
que contam dúzias e grosas  
de indiferentes amantes.  
Tu, meu bem, que não és destas,  
que só me tens, que não vives  
para prazer dos ouvires,  
compra umas bichas modestas...

VALENTINA (*desdenhosa*)  
Modestas...

CARVALHO  
Iguais a umas  
que comprei para a Qué-qué...

VALENTINA (*arrebataadamente*)  
Oh! essa Qué-qué, quem é?  
Quero saber!

CARVALHO  
Não presumas  
que seja alguma cocote:  
é minha mulher.

VALENTINA  
Se acaso  
me mentes, vai tudo ao raso!

CARVALHO  
Eu, nem mesmo em rapazote  
Nunca menti.

VALENTINA (*acariciando-o*)  
Ó meu Quincas! (*Desatando a chorar*)  
Mas ah! que não me conheço!



Imploro... peço... Pareço  
uma mendiga!

CARVALHO (*tomando-a nos braços com interesse*)  
Tu brincas!

VALENTINA

E quem me avilta? É este homem  
que tanto amor me inspirou!

Que mais me resta? Que sou?

Minhas ilusões se somem,

e para sempre! Não voltam!

Cruéis desenganos surgem!

Contra mim os céus de insurgem

e os infernos se revoltam!

Amor! qual amor! É peta!

(*Soluçando*) E eu, desgraçada! que adore... (*Senta-se no sofá*)

CARVALHO (*aproximando-se dela com mimo e bonomia paterna*)  
'Stás tal e qual a Ristóri  
na *Maria Antonieta*

VALENTINA (*a fingir um ataque de nervos*)  
Ah! Ah!...

CARVALHO

Meu Deus! o que é isto?!

VALENTINA (*a espernear*)  
Socorro!...

CARVALHO (*percorrendo a cena*)  
Jesus!

VALENTINA

Socorro!

Eu morro!

CARVALHO (*atarantado*)

Qual morres!

VALENTINA

Morro!

Quem me acode?

CARVALHO

Jesus Cristo!...

Que devo fazer? Eu vou...

Queres médico?

VALENTINA

Decerto.

CARVALHO

Há doutor por aqui perto?

Corro a chamá-lo!

(*Na ocasião em que toma o chapéu, Valentina ergue-se*)

VALENTINA

Passou.

CARVALHO (*deixando o chapéu*)

Pois os médicos da corte  
são bens bons; basta fazer  
tenção de os chamar, pra ver  
o doente livre da morte!

VALENTINA (*depois de alguns momentos, angustiada*)

A provação foi atroz...

Foi cruel o sofrimento...

Porém, desde este momento

não há mais ente nós. (*Sai pela direita, segundo plano*)

## CENA VIII

*Carvalho, só.*

CARVALHO (*depois de alguma pausa*)

Se eu não fosse um covarde,

que bela ocasião para me por a andar...

(*Pegando o chapéu,*) Ainda não é tarde!

Nem um momento mais eu devo aqui ficar!

(*Dispõe-se a sair, e para, olhando para a porta por onde entrou Valentina*)

Encerrou-se na alcova!

‘Stá soluçando a triste... o seu amor maldiz...

Oh! que eloquente prova

de que ela me estremece e de que sou feliz!

(*Colocando o chapéu sobre uma cadeira e o sobretudo nas costas da poltrona. Resoluto*)

Não! não sairei! Fico!...

Mas a colheita?... a safra? os filhos e a mulher?

Eu sou bastante rico

e posso demorar-me o tempo que quiser!

Fui sempre ótimo pai, fui ótimo marido:

é muito que um momento eu me esqueça de mim?

Hei de voltar melhor assim fortalecido...

Oh! maldito o momento em que a cidade vim! (*Pausa*)

E se eu pilhado for co’ a boca na botija?

Não me posso entender!

Não sei para que lado os passos meu dirija!...

sou preso por ter cão e preso por não ter!

(*Dirigindo-se à porta por onde saiu Valentina*)

Ela está mal comigo... as pazes fazer vamos...

Prometo dar-lhe a joia; e, quando a vir, direi

que é muito cara... e tal... Depois nós combinamos!

E uma joia barata então lhe comprarei... (*Ajoelha-se à porta*)

Vamos lá... vamos lá... Meu anjo... Valentina...

dentre os soluços teus soluça o meu perdão!

Não zangues-te, meu bem; não chores mais, menina...

Abre-me a porta, já... Vem cá, meu coração!

## CENA IX

*Carvalho e Valentina.*

*(Valentina está pronta para sair. Tem os olhos vermelhos. Dirige-se à secretária e guarda em uma bolsa que traz na mão as notas de banco, que tira da gaveta sem que Carvalho veja)*

CARVALHO

Menina, dos calcanhares  
olha que não me levanto  
nem mesmo a cacete, enquanto  
teu perdão me não lançares!

*(Valentina acaba de guardar o dinheiro e desce à cena, fingindo que chora, mas rindo-se à socapa. À parte)*

Coitadinha! que lamúria!

VALENTINA

Sei que não tenho o direito  
de exigir nenhum respeito,  
de perdoar uma injúria...  
Vocês têm razão: enxerguem  
na mulher que cai somente  
a meretriz impudente,  
que nem as lágrimas erguem.  
Tem graça o perdão! De rastros,  
sou eu que devo alcançá-lo!

*(Ajoelha-se também. Ficam ajoelhados defronte um do outro)*

Sou perdida e quis amá-lo!

Sou lama: quis ir aos astros!

CARVALHO

Um astro és! És minha lua,  
és minha lua querida!

VALENTINA

Sua sombra, refletida  
num charco imundo da rua, serei...

*(Ergue-se e vai sentar-se na poltrona)*

Meu pobre passado!

Tu onde estás? onde fostes?

Dá licença que me encoste  
ao seu capote? — Obrigado.

Eu tive a flor dos maridos...

Que quer? Não havia meio  
de amá-lo! Um dia deixei-o.  
deu um tiro nos ouvidos!

Como mariposa inquieta,  
pousei aqui e ali...

Amar jamais consegui...

mas encontrei-te... poeta!...

*(Vai arrebatadamente colocar-se outra vez de joelhos, defronte de Carvalho)*

CARVALHO *(admirado)*

Poeta!...

VALENTINA

Poeta, repito!

A ti não parecia;

mas tinhas tanta poesia!...

Escuta: não és bonito...

já não és novo, sequer...

És calvo, tens nariz grande;

mas nisso mesmo se expande  
meu coração de mulher.

Não sou vulgar... amo o horrível,  
e és horrivelmente belo!

Ao teu carão amarelo

meu coração foi sensível...

Um instante me pareceu

— mas, ai de mim, me enganara —

que tu, com tão feia cara,

deverias ser só meu!

*(Erguendo-se)* Sim, o velho mundo espante-se  
e belas razões deduza:

seis contos você recusa  
a tanto afeto! — Levante-se!

CARVALHO (*erguendo-se*)  
És um anjo!

VALENTINA  
E você é...

CARVALHO  
Teu escravo!

VALENTINA  
É um verdugo!  
Entretanto, Victor Hugo  
disse: *Oh! n'insullez jamais...*

CARVALHO  
Então? Estou perdoado?

VALENTINA  
Estás, que tudo se esquece. (*Vendo que Carvalho limpa os olhos*)  
Choraste?

CARVALHO  
Se te parece!  
Falas como um advogado!  
Onde é que as bichas se vendem?  
Vou buscá-las.

VALENTINA (*mudando inteiramente de tom*)  
Meu amigo,  
o ouvires vem ter contigo  
e vocês dois cá se entendem.

CARVALHO  
Quem o manda?

VALENTINA

Eu.

CARVALHO

Deveras?

VALENTINA

Eu fiquei de lá ir. (*À parte*) Como  
tenho de ir ao banco, tomo  
um carro e vou lá. (*Alto*) Esperas?

CARVALHO

Espero.

VALENTINA (*beijando-o*)

Adeus.

CARVALHO

Sedutora! (*Saída falsa de Valentina, pela esquerda, segundo plano*)  
Se eu não puder arredar-me,  
conto que hei de desferrar-me  
pela colheita vindoura. (*Senta-se no sofá*)

VALENTINA (*voltando*)

Outra bicota. (*Beija-o*) Mais duas!  
A chama do amor me abrasa!  
Ainda não saí de casa,  
já tenho saudades tuas! (*Vai saindo e para*)  
Não queres ler um pouquinho?

CARVALHO

Quero, sim.

VALENTINA

Olha, aqui tens...  
(*Dá-lhe o Mosquito e dirige-se para a porta da esquerda, segundo plano*)

CARVALHO (*deitando-se*)

Enquanto tu vai e vens,  
eu fico lendo o *Mosquito*.

## ATO II

*A mesma decoração.*

### CENA I

*Carvalho, só.*

CARVALHO (*está ainda deitado no sofá; dorme e sonha alto, muito agitado. O Mosquito está caído a seus pés*)

Ai! o que é isto? O que é?

Não me agarrem!... Não me puxem!...

Que mais querem!... Desembuchem!...

Não creias nisso, Qué-qué!

(*Levanta-se do sofá e desperta, atônito*)

Hein? Que foi?... Ah! era um sonho

Um sonho... não há que ver...

Já me lembro: estava a ler

o *Mosquito*... Foi medonho

o pesadelo! Primeiro,

sonhei que havia chegado

à fazenda, e visitado

senzala, alpendre, chiqueiro,

horta, engenho, *etcetera* e tal.

Depois fui ter co'a patroa...

Os sonhos são coisa à toa,

pois que não é natural

que eu, se à fazenda chegasse,

do que à madama, primeiro

senzala, alpendre, chiqueiro,

horta e pomar visitasse.

No momento justamente

em que os meus lábios se uniram



aos lábios dela, surgiram,  
donde não sei, de repente,  
mulheres assim... assim...  
(*Gestos indicando que eram muitas*)  
Altas, baixas, magras, cheias;  
belas umas e outras feias,  
que se acercaram de mim!  
Contei dez... mais dez... mais dez!  
Saía uma por uma  
do teto... do chão... Em suma,  
a alma caiu-me aos pés!  
Pr'agravar o pesadelo,  
dessa tropa feminina  
vinha à frente Valentina,  
em desalinho o cabelo,  
e às outras dizia assim:  
“ — Segurem-me esse tratante!  
Não sabem que é meu amante  
e que se afastou de mim?...”  
E as outras me carregavam!  
Davam-me beijos... abraços...  
Disputavam-me nos braços;  
aos trambolhões me levavam!  
“ — Levem-no; tenho o direito  
de disputar o seu amor,  
pois amo-o... amo-o!...” Senhor!  
que pesadelo! No leito  
a Qué-qué se revolvia...  
Teve mais um faniquito!  
Dava gritos! Cada grito  
que um surdo despertaria!  
Nisto acordei; já de pé,  
protestos inda fazia,  
e à pobre Qué-qué dizia:  
“ — Não creias nisso...”  
(*Batem à porta da esquerda, segundo plano*)  
Quem é?

O JOALHEIRO (*fora*)  
Um criado de vossa senhoria

CARVALHO (*consigo*)  
É o sujeito das bichas. (*Alto*) Pode entrar.

## CENA II

*Carvalho, o Joalheiro.*

O JOALHEIRO  
Com licença, senhor. Muito bom dia.

CARVALHO  
Bom dia. Faz favor de se sentar. (*Senta-se e indica-lhe uma cadeira*)

O JOALHEIRO  
Estou a gosto.

CARVALHO  
Sente-se.

O JOALHEIRO (*sentando-se*)  
Obrigado.

CARVALHO (*à parte*)  
Olho vivo! Tem cara de judeu...  
As bichas, o senhor...

O JOALHEIRO (*erguendo-se*)  
Um seu criado...

CARVALHO  
...é que vem...

O JOALHEIRO  
Sim, senhor...

CARVALHO

...mostrar?

O JOALHEIRO

Sou eu.

CARVALHO

Queira sentar-se. Faz favor de dar-mas?

O JOALHEIRO (*tirando a caixa do bolso e abrindo-a. Senta-se*)

Aqui as tem. Perdão! (*Limpa-as mais uma vez*)

CARVALHO (*à parte*)

Vejam com o tratante apronta as armas!

(*O Joalheiro entrega-lhe a joia, que ele examina com atenção*)

O JOALHEIRO

São bonitos, não acha?

CARVALHO

Acho que são;  
mas também acho exorbitante o preço.

O JOALHEIRO

Exor... Meu caro, por amor de Deus!  
que preço lhe disseram?

CARVALHO

Seis!

O JOALHEIRO

Não desço  
um real. Veja bem!

CARVALHO (*à parte*)

Estes judeus!

O JOALHEIRO (*erguendo-se*)

Que me conste, até hoje aqui não houve  
dois brilhantes assim!

Donos deles fazer-me aos céus aprouve;  
porém... pobre de mim!

Muitos há que desejam possuí-los;  
mas seu valor não dão...

E na vidraça os míseros tranquilos  
por muito tempo permanecerão!

*(Pausa durante a qual Carvalho continua a examinar os brilhantes, mas com indiferença)*

Estes brilhantes tinham mais preço  
em dois grandes anéis;

mas não nos quero separar. O preço  
sãos seis contos de réis.

Se não achar de todo nesta terra

quem os queira comprar,

vou vendê-los à c'roa de Inglaterra

que os não há de enjeitar.

*(Toma os brilhantes, coloca-os nas orelhas e passeia pela sala como uma senhora)*

Veja que belos são! De conta faça

que uma senhora sou:

Veja que alvura!... que ladrões sem jaça!

CARVALHO

Por quatro contos dá-lo quer?

O JOALHEIRO

Não dou;

CARVALHO

Então, amigo, não fazemos nada:

perde o seu tempo e perde o seu latim... *(À parte)*

Se eu me livrar puder desta rascada,

hei de um terço rezar a São Joaquim,

meu glorioso patrono.

O JOALHEIRO (*à parte, embrulhando a caixa*)

A sirigaita

disse-me que o velho dava-me os seis paus;

ela supõe que berimbau é gaita...

Não se lembra que os tempos vão tão maus...

Hei de sempre falar-lhe... talvez queira... (*Alto, guardando a joia*)

Até mais ver, senhor.

CARVALHO

Passasse bem!

O JOALHEIRO

A palavra já disse derradeira!

Não dá mais nada, não?

CARVALHO

Nem mais um vintém.

(*O Joalheiro cumprimenta e sai por onde entrou*)

### CENA III

*Carvalho, só.*

CARVALHO

Seis contos! seis contos! *Irribus!*

É mesmo muito dinheiro!

Trabalho um semestre inteiro

para seis contos ganhar,

e devo sem mais preâmbulos

gastá-los com Valentina?

Sai muito cara a menina;

não devo continuar...

mas serei bastante enérgico

pra fugir desta voragem?

Bater a linda plumagem,

ir para junto dos meus?

Lembrar-me dos meus negócios?  
dos meus compromissos tantos?  
de Valentina aos encantos  
dizer pra sempre adeus?...  
Seis contos! São seis apólices  
pra garantir o futuro:  
de cinco por cento ao juro  
hão de trezentos render!  
No fim de quinze anos, chega-se,  
com juros acumulados,  
a ter dez contos guardados  
para o que der e vier.  
Seis contos! compra-se um prédio,  
que se aluga a dez por cento!  
E, afinal, num bom momento  
dez contos por ele dão!  
Cinco bons escravos mandam-se  
vir do Norte de encomenda,  
que, a trabalhar na fazenda,  
vinte por cento darão!  
Eu bem sei que a joia, cáspite!  
por seis contos não 'stá cara;  
é de uma beleza rara:  
o homem no preço está.  
Of'reci-lhe uma miséria,  
e muito acertadamente;  
por quatro contos somente  
joias dessas ninguém dá.

*(Senta-se na poltrona junto da secretária e fica a meditar com a cabeça entre as mãos e os cotovelos fincados nas coxas. Aparecem à porta da esquerda, segundo plano, Valentina e o Joalheiro, que não são pressentidos por Joaquim Carvalho)*

#### CENA IV

*Carvalho, Valentina, o Joalheiro.*

VALENTINA (*a meia voz*)

Ele ali está!... Psiu... sentido!

Vá pra sala de jantar...

(*Encaminha-o na ponta dos pés, para a porta da esquerda, primeiro plano*)

Queira um instantinho esperar,  
enquanto a questão decido.

O JOALHEIRO (*a meia voz*)

Senhora, se acha isso caro...

Não tento... Tentar não vim...

VALENTINA (*no mesmo tom*)

Entre e espere. É já. (*O Joalheiro desaparece*)

Enfim!

(*Logo que o Joalheiro desaparece, Valentina machuca o chapéu e desmancha um pouco o penteado*)

É preciso este preparo...

(*Desde à cena fingindo estar desesperada, e falando em voz muito alta*)

Desaforo! Não se atura

Tamanha pouca vergonha!

CARVALHO (*arrancado de súbito de sua meditação*)

Valha-me Deus! vem medonha.

VALENTINA (*passeando de um lado para o outro*)

Fiz uma bela figura!

**CENA V**

*Carvalho, Valentina.*

CARVALHO (*à parte*)

Ele já sabe de tudo...

Temo-la travada!

VALENTINA (*na mesma agitação, senta-se na poltrona e amarrota e rasga o lenço*)

Inferno!

CARVALHO (*à parte*)

Está tão zangada,

que incontinente me mudo...

(*Pega no chapéu e dispõe-se a sair sorrateiramente*)

VALENTINA (*levantando-se rapidamente*)

Faça favor!...

CARVALHO

Valentina...

VALENTINA (*imperiosamente*)

Venha cá!

CARVALHO (*aproximando-se timidamente*)

Cá estou

VALENTINA

Aqui!

Como o senhor nunca vi  
homem tão tolo e sovina!

Vá-se embora, se quiser,  
nem mais um segundo tarde!

Mas saiba que é de um covarde  
maltratar uma mulher!

Pois se é tão pobre o senhor,  
que meia dúzia de contos  
não tem na carteira prontos,  
e deles possa dispor,  
por que razão prometeu  
dar-me uma joia?...

CARVALHO



Eu te digo...

VALENTINA (*passeando agitada*)  
Supu-lo tão meu amigo...

CARVALHO (*acompanhando-a*)  
E eu não sou amigo teu?

VALENTINA  
Encontrei ali na esquina  
O joalheiro! Se ouvisse  
as coisas que ele me disse!

CARVALHO (*no mesmo*)  
Mas ouve cá, Valentina...

VALENTINA  
Julga o senhor por acaso  
que eu não tenho quem me dê  
seis... vinte contos?! não vê!  
Sou eu que não faço caso  
de muitos banqueiros que andam  
a fazer-me roda!... Ontem  
(deixá-los que desapontem:  
não recebo o que me mandam!)  
um lá da Rua Direita  
que fez fortuna a galope,  
mandou-me num envelope  
um conto! Fiz-lhe a desfeita  
de não querer: devolvi-lho!

CARVALHO  
Ele não te conhecia?

VALENTINA  
Não senhor.

CARVALHO

Foi covardia:  
maltratou-te! Ai, que se o pilho!

VALENTINA

Covardia foi a sua!  
Uma covardia enorme!

CARVALHO

Mas ouve, afinal!

VALENTINA

Expor-me  
ao ridículo na rua!  
Escute, senhor... Seu nome?  
Sempre me esquece!...

CARVALHO

Carvalho  
Pra evitar este trabalho,  
aqui tem um cartão. (*Dando-lhe*) Tome.

VALENTINA

Escute: se o senhor fosse  
um pobretão, um mendigo;  
se não trouxesse consigo  
os contos de réis que trouxe,  
o mesmo afeto lhe tinha,  
a mesma atenção lhe dava,  
o mesmo agrado mostrava,  
o mesmo gosto mantinha!  
Mas o senhor está bem...  
Antes o não estivesse...

CARVALHO (*à parte*)

Esta agora! se eu soubesse  
não tinha gasto vintém...

VALENTINA

Em minha casa que paga  
julga o senhor, porventura,  
a amizade santa e pura  
desta infeliz que o afaga?  
Pois saiba que o seu dinheiro,  
se o gasta, não é comigo!

CARVALHO

Pois eu não gasto contigo?

VALENTINA

Não, senhor. Ouça primeiro  
e depois fale à vontade.  
*(Fazendo-o sentar-se à força na poltrona)*  
Sente-se... Vamos! convenha...  
Acha provável que tenha  
mais doce comodidade  
em qualquer outra poltrona?

CARVALHO

Não acho, não, certamente  
que este cômodo excelente  
nenhuma outra proporciona.

VALENTINA

Bem! agora venha cá.  
*(Fá-lo erguer-se da poltrona e deitar-se no sofá)*  
Deite-se... deite-se! Assim!

CARVALHO *(deitado)*

Mas que queres tu de mim?

VALENTINA

Que tal acha este sofá?  
Diga... Diga!

CARVALHO

É uma obra prima!  
É o melhor sofá do mundo!  
A gente vai para o fundo  
e depois volta pra cima!  
Hoje — não te digo nada —  
fiz uma bela soneca!

VALENTINA

Levante um pouco a careca,  
e chegue mais a almofada.

CARVALHO (*depois de obedecer*)

Estou no sétimo céu!

VALENTINA

Pois bem: venha ver o oitavo!  
Erga-se! siga-me! (*Leva-o à porta da direita alta*)

CARVALHO (*olhando para dentro*)

Bravo!  
Que belo sobrecéu!  
que cortinado bonito!

VALENTINA

E a cama?

CARVALHO

A cama conheço...

VALENTINA

Que tal?

CARVALHO

Um traste de preço,  
de um gosto muito esquisito  
pouco mais alta que o chão...

VALENTINA  
É moda agora...

CARVALHO  
Sei... sim...  
A gente, se faz assim,  
bate nas esteira co'a mão  
Minha cama na fazenda  
é deste tamanho...

VALENTINA  
É alta!

CARVALHO  
Ninguém para cima salta  
sem que a dar um pulo aprenda!  
Por causa disto a madama  
viu-se muito embaraçada:  
muito depois de casada,  
não se deitava na cama,  
sem subir por uma escada!  
Hoje pula como um gato!

VALENTINA (*apontando sempre para o quarto*)  
Veja que lindo tapete!  
que magnífica toailete!  
que guarda-roupa!

CARVALHO  
É exato.

VALENTINA  
Peanhas, estatuetas,  
ondinas de *biscuit*!  
(*Percorrendo a cena e mostrando a sala, trazendo Carvalho pela mão*)  
Veja: nada falta aqui!  
*Chinoiseries*, bocetas,

e reposteiros de rendas!  
Espelhos, lindas gravuras  
em suntuosas molduras!

CARVALHO

Sim, tens aqui muitas prendas.

VALENTINA (*descendo à cena*)

Muito dinheiro enterrado  
está aqui!

CARVALHO

Tens gosto. Toca!

VALENTINA (*à Parte*)

Na Rua da Carioca  
tem sido tudo comprado...

CARVALHO

O que te digo é que há trastes  
que com o dono parecem!  
Teus olhos tudo merecem;  
que importa que tudo gastes?

VALENTINA (*aproximando uma cadeira*)

Meu caro, agora expliquemo-nos.  
Os cobres que me tem dado  
emprego... tenho empregado  
em tudo isto...

CARVALHO

Sei.

VALENTINA

Sentemo-nos.

CARVALHO

Sim... tanto se paga em pé  
como sentado. (*Senta-se*)

VALENTINA

O senhor  
não traz o meu puro amor  
dentro do *porte-monnaie*  
Paga poltrona macia,  
leito fofo e perfumado,  
suntuoso cortinado,  
custosa tapeçaria.  
Os carinhos de uma amante  
com beijos se restituem:  
eles não se retribuem  
com sujo metal sonante.  
Este rifão acertado  
sempre na memória traga:  
amor com amor se paga...

CARVALHO

É muito velho o ditado  
porém não menos o é  
o que diziam meus tios...

VALENTINA

Qual é?

CARVALHO

Dois sacos vazios  
não se podem ter de pé.  
E há mais outro...

VALENTINA

Ouçã primeiro:  
o senhor gosta do luxo;  
pois bem: aguente o repuxo,  
uma vez que tem dinheiro.

Eu, para estar de harmonia  
com o luxo que vejo em roda  
de mim, devo andar à moda,  
ter preciosa pedraria.  
Quer que lhe tenha paixão,  
sem que lhe custe brilhantes?  
Vivamos quais dois amantes  
dos tempos que já lá vão.  
Pr'algum romance ou comédia  
terão assunto depois!  
Carvalho! sejamos dois  
amantes da Idade Média!  
Lá, numa ilha deserta,  
longe da vista mundana,  
vivamos numa choupana  
de verdes folhas coberta!  
Deixa tudo quanto tens,  
esposa, filha, fortuna!  
Nada disso se coaduna  
coa vida que viver vens.  
Sim ou não? Responde, enfim! (*Erguendo-se*)  
Mas nos teus olhos eu leio  
a hesitação, o receio...  
É que só me amas assim!  
Se por acaso me visses  
magra, suja, maltrapilha...

CARVALHO (*levantando-se*)  
Onde, meu Deus?...

VALENTINA  
Na tal ilha...  
...duvido que tu sentisses  
a caridade vulgar,  
sequer, por esta a quem hoje  
o dinheiro foge, foge,  
porque quer decente andar.



Se me amas porque sou bela,  
mais bela faze-me ainda:  
verás como fico linda  
com os tais brilhantes!

CARVALHO (*à parte*)

Cautela! (*Conduz Valentina para o sofá e sentam-se*)

Agora atenção me presta?

Pois não me interrompa, e ouça!

Arre! que nunca vi moça

mais exaltada que esta!

Eu quero dar-te as tais bichas:

tomo o céu por testemunha!

Mas tomas o pião à unha

e desejas que haja rixas

onde amor só deve haver!

É um refinado tratante,

(acredita!) o meliante

que as tais bichas quer vender.

Conheço aquele menino!

e juro, por Quem nos ouve,

que até esta data, não houve

quem me enganasse... sou fino.

VALENTINA

Muito fino! És um portento!

CARVALHO

As bichas são muito belas;

mas ele pede por elas

mais cinquenta por cento

do que deve! O maganão

quer roubar duma assentada

dois contos! Que vá pra estrada,

de bacamarte na mão!

Já fiz ver ao tal sujeito:

por quatro co'as bichas fico.

E não abro mais o bico  
a semelhante respeito.  
(*Ergue-se e passeia pela sala, com as mãos nas costas. Pausa*)

VALENTINA (*à parte*)  
Que ideia! (*Levanta-se. Alto*)  
Bem pouco entendo  
de joias.

CARVALHO  
Entendo eu!  
Por isso o preço ao judeu  
fui logo, logo dizendo.

VALENTINA  
Não sei se estás a iludir-me;  
se as bichas valem somente  
o preço que dás...

CARVALHO  
Ó gente!  
Outro ouvires que o confirme! (*À parte*)  
Se ela indaga, estou perdido!

VALENTINA  
Pode bem ser que não queiras  
dar-me os seis contos e...

CARVALHO  
Asneiras!  
Não quero é ser iludido!  
Faze-me mais um discurso!  
vem-me com outras cantigas!...  
mas olha que não me obrigas  
a fazer figura de urso!

VALENTINA

Não queres gastar, mau, feio!  
Tens um meio extraordinário  
para provar-me o contrário.

CARVALHO

Vamos lá ver esse meio.

VALENTINA

Vou falar já com o ouvires,  
se o valor a joia tem  
que dás, ele cede...

CARVALHO

Bem!

VALENTINA

Mas, para que não te prives  
do gosto de me of'recer  
os seis contos por inteiro...

CARVALHO (*à parte*)

Aí! que aí volta o pampeiro! (*Alto*)  
Mais eu não posso entender...

VALENTINA (*afagando-o*)

Não te contrario: assim  
bem mostro que te idolatro:  
se a joia compras por quatro  
dar-me-ás os dois para mim.

CARVALHO (*à parte*)

Ai, ela agora filou-me!

VALENTINA (*largando-o*)

Hesitas? Eu logo vi!

CARVALHO (*titubeando*)

É que... tu sabes... mas... se... (*À parte*)  
'Stou arranjado! apanhou-me!

VALENTINA  
Senhor, supus...

CARVALHO  
Não te excites;  
eu vou buscar o dinheiro...  
manda chamar o joalheiro. (*Tomando o chapéu*)  
Mas ouve, e não te arrebitas:  
se ele der por quatro, é tua  
e tens mais dois. Se não der  
por isso, não hás de ter  
nem joia nem... (*Sinal de dinheiro*)

VALENTINA  
Anda! Rua!

(*Carvalho sai*)

## CENA VI

*Valentina, depois o Joalheiro.*

VALENTINA (*dirigindo-se à porta por onde saiu Carvalho*)  
Tu queres fazer-te de esperto...  
Oh! mais esperta sou eu!

O JOALHEIRO (*pondo a cabeça fora da porta*)  
Entrar já posso?

VALENTINA  
Decerto.

O JOALHEIRO (*descendo à cena*)  
Tolo! chamar-me de judeu

e tratante! Eu tudo ouvi  
por trás daquela cortina!

VALENTINA

Viu que o maldito sovina  
diz que não valem...

O JOALHEIRO

Vi... vi...  
Quem lhe dera que valesse  
tanto quanto os meus brilhantes!  
Mas olhem que estes amantes...

VALENTINA

Todos eles são como esse!  
Já homens eu não descobro.  
Ora, imagine que há meses,  
e isso se dá muitas vezes,  
em que as despesas não cubro!

O JOALHEIRO

Também me queixo um bocado,  
pois o negócio vai mal,  
tudo o que vendo é fiado  
e não recebo um real!  
Mas vamos; em que ficamos?  
Olhe: tentá-la não quero...

VALENTINA

Uma ideia tenho; espero  
que há de aprová-la.

O JOALHEIRO

Vejamos...

VALENTINA

Disse ele que, se comprar

por quatro contos a joia,  
dá-me dois contos, e foi à  
casa o dinheiro buscar.

O JOALHEIRO

Sei tudo e não peço bis,  
graças àquela cortina.  
Saiba, Dona Valentina,  
que é uma primorosa atriz!  
Sei o que quer: que lhe entregue  
a joia por quatro agora,  
para receber da senhora  
os outros dois: pois sossegue:  
estou por tudo, na 'sprança  
de que os seis contos receba.

VALENTINA

Mas ele que não conceba  
a menor desconfiança!

O JOALHEIRO

E os dois contos? Onde estão?

VALENTINA

Dar-lho-ei quando os tiver.

O JOALHEIRO

Como assim?

VALENTINA

Quando mos der  
o fazendeiro.

O JOALHEIRO

Isso não!

VALENTINA

Dúvida de mim?

O JOALHEIRO

De tudo!

Ai, minha rica senhora,  
não me dizia inda agora  
que este tempo anda bicudo?  
Desculpe... que quer? Sou franco...

VALENTINA

'Stá bem. 'Stá bem! Não insisto:  
é justo. (*Tirando papéis do bolso*)  
Sabe o que é isto?

O JOALHEIRO

Olé! São cheques do banco!

VALENTINA

Que horas tem?

O JOALHEIRO (*vendo o relógio*)

É meia hora.

VALENTINA

Pois vou buscar o dinheiro.  
Quando vier o fazendeiro...

O JOALHEIRO

Vá descansada a senhora:  
julguei que só mo daria  
quando lho desse o sujeito.  
Há de encontrar tudo feito,  
quando voltar co'a quantia.

VALENTINA (*pondo o chapéu*)

Posso fazer um bom gancho...

O JOALHEIRO

Quatro contos arrecada;  
mas se está contrariada,  
todo o negócio desmancho:  
não tento...

VALENTINA

Espere-o. Adeus (*Sai*)

O JOALHEIRO

Vá descansada.

## CENA VII

*O Joalheiro, só.*

O JOALHEIRO

É barato;  
mas o lucro imediato  
é bem bom, graças a deus!  
Daqui a dez dias talvez  
a joia não seja dela:  
por cinco me há de vendê-la;  
por sete a vendo outra vez.  
*(Desembrulha a caixa da joia, que tira da algibeira, abre-a, e contempla-a  
com ar compassivo)*

Alvos brilhantes, peregrina joia,  
vou brevemente me ausentar de vós!  
De vendedor não julgueis ser tramoia  
este elogio que vos teço a sós!

Ninguém nos ouve nem nos vê; portanto  
não é suspeito o cândido louvor.  
Sinto nos olhos da saudade o pranto,

sinto no peito a languidez do amor!



Durante o tempo em que tu foste minha,  
prenda formosa, prenda sem rival,  
todos os dias à minh'alma vinha  
lástima prévia... Adivinhava o mal!

Adivinhava enfeitarias breve  
o corpo impuro que te apeteceu;  
foi rara joia de valor que teve  
melhor destino que o destino teu.

Ai, se eu te visse envelhecida, gasta...  
toda arranhada... não fazia mal...  
Mas nas orelhas de uma esposa casta...  
prenda formosa, prenda sem rival!

## CENA VIII

*O Joalheiro, Carvalho.*

CARVALHO (*entrando*)  
Ora viva! (*À parte*)  
Ele por cá!  
É mau sinal... (*Vendo a joia*)  
E os brilhantes...

O JOALHEIRO  
'Stava aqui há alguns instantes  
a sua espera.

CARVALHO  
Onde está  
Valentina?

O JOALHEIRO  
Saiu; tinha  
algumas voltas que dar.

CARVALHO

E o senhor vem cá buscar  
o quê?

O JOALHEIRO

Eu lhe digo... eu vinha...

CARVALHO

Para que voltou aqui?

O JOALHEIRO

Saiba vossa senhoria...

CARVALHO

Uma ridicularia  
pela joia ofereci.  
Não quer decerto vendê-la  
por quatro contos...

O JOALHEIRO

A instâncias  
das minhas circunstâncias,  
sou obrigado a cedê-la. (*Dando-lhe a joia*)  
Aqui tem. Tudo isto é seu.  
De não vendê-la com medo  
a qualquer outro, é que a cedo  
pelo que me ofereceu.

CARVALHO (*sem aceitar a joia*)

O quê? Pois por quatro contos  
quer ma ceder?... Vale seis!

O JOALHEIRO

De quatro contos de réis  
nós precisamos de pronto.  
Se ainda agora não cedi,  
foi porque tinha contado

com eles por outro lado...  
É sua joia: ei-la aqui! (*Entrega-lha*)  
É pechincha! Mas... que quer?  
Tenho uma letra a vencer-se... (*Vendo o relógio*)  
E não me dá que converse  
vinte minutos sequer.

CARVALHO  
Se Valentina tivesse  
dinheiro acaso, diria  
que entre o senhor e ela havia  
combinação.

O JOALHEIRO (*a meia voz*)  
Mas, se houvesse,  
eu, muito em particular,  
Tudo diria.

CARVALHO  
Acredito (*à parte*)  
Outro remédio — bonito —  
não tenho senão pagar!

O JOALHEIRO  
Veja que esplêndidos são!  
Veja que são opulentos!

CARVALHO (*deita a caixa da joia sobre o sofá, tira do bolso a carteira e dá notas do banco ao Joalheiro*)  
Oito notas de quinhentos!

O JOALHEIRO (*depois de conferir e guardar o dinheiro*)  
Da nossa casa o cartão  
aqui tem.

CARVALHO  
Faça favor...

Traz estampilha?

O JOALHEIRO

Sim, trago...

CARVALHO (*apontando para a secretária*)

Diga-me ali que está pago.

O JOALHEIRO

Pois não; é pouco trabalho.

(*Senta-se à secretária, toma papel e pena*)

Seu nome? — Que bom papel!

CARVALHO

O Tenente-coronel

Joaquim dos Santos Carvalho.

(*O Joalheiro escreve. À porta da esquerda, segundo plano, aparece João de Sousa*)

## CENA IX

*O Joalheiro, escrevendo, Carvalho, João de Sousa.*

CARVALHO (*admirado, vendo Sousa*)

Ó compadre João de Sousa!

SOUSA (*também admirado*)

Ó compadre!

(*Correm um para o outro e abraçam-se com efusão*)

O JOALHEIRO (*parando de escrever, consigo*)

Me enternecem!

(*Aproximando-se dos dois, que novamente se abraçam em silêncio*)

Uma vez que se conhecem,  
mandem vir alguma coisa.

## ATO III

*A mesma decoração.*

### CENA I

*João de Sousa, Joaquim Carvalho.*

*(Este sentado na poltrona, aquele de pé)*

SOUSA

Agora, caro compadre,  
que boas novas te dei  
dos pequenos, da comadre,  
que de saúde deixei,  
explica a tua presença  
aqui

CARVALHO

É bem natural.

SOUSA

Se me concedes licença,  
direi que começa mal:  
meter aqui o bedelho  
homem casado não vem!  
E além de casado, velho!  
De natural nada tem...

CARVALHO

E você? como é que explica  
sua presença? Ande lá!...

SOUSA

A minha só significa  
que sou bom pai: aqui está!  
Na casa em que estou agora  
não era capaz de entrar,

me pagassem muito embora!

CARVALHO (*à parte*)

E eu entro para pagar...

SOUSA

Fui obrigado a fazê-lo...

Hei de contar-te depois.

Mas, tu, compadre! Um modelo!

CARVALHO

Ouve, e fique entre nós dois...

Porém, agora reparo

que não te queres sentar!

SOUSA

Eu tenho um caráter raro,

tenho uma alma singular!

Sentar-me nestas cadeiras!

Livre-me Nosso Senhor! (*Escarra e cospe*)

Cuspir nas escarradeiras

farei... por muito favor.

Da morte embora nas ânsias,

sentar-me... Oh! Não sou capaz!

Eu não venço as repugnâncias

que esta miséria me faz!

Este luxo deslumbrante

é vil, é mais do que vil:

produto negro, infamante,

do falso amor mercantil!

Não sei que nome lhe quadre,

não sei seu nome qual é... (*Outro tom*)

Você desculpe, compadre,

mas hei de ouvi-lo de pé.

CARVALHO

És rigoroso, contudo...

SOUSA

Eu penso assim...

CARVALHO

Pensas bem. (*Erguendo-se*)

E para dizer-te tudo,

eu me levanto também. (*Depois de alguma pausa*)

Como sabes, compadre, vim à corte

vender uma partida de café;

era gênero de primeira sorte;

nos comissários não fazia fé.

Fiz bom negócio. Efetuada a venda,

as malas a arrumar me decidi.

Os deveres chamavam-me à fazenda...

Infelizmente Valentina vi...

Encontrei-a no Prado Fluminense;

ela, a sorrir, mandou-me o seu cartão...

Um pecador que se já não pertence

tornei-me desde aquela ocasião.

Vivemos sós. Aqui ninguém mais entra.

Neste retiro sinto-me feliz.

E a minha felicidade se concentra

no que ela pensa, ordena e diz!

Forçoso é dar um paradeiro a isto!

Lá na fazenda espera-me o dever!

É grande a sedução, mas eu resisto:

e posso me ausentar quando entender!

Com parcimônia me regrado tenho;

só um conto gastei; nem mais um vintém.

Só hoje é que quatro gastar venho

co'estes brilhantes que lhe dei.

SOUSA (*pega na joia; depois de examiná-la com indiferença*)

Pois bem. (*Deixa a joia onde estava. Pausa*)

Compadre, vou expor-te:

apareceu lá na roça,

em minha casa... na nossa...

um rapaz aqui da corte.

Foi há seis dias... e meio.

Como pelo meu cunhado

me fora recomendado,

em minha casa hospedei-o.

Era muito divertido;

conversa muito bem;

finalmente, que haja alguém

mais simpático duvido.

Descobri (sabes, meu rico,

que não há quem me embarrele)

que entre minha filha e ele

havia seu namorico.

Tu sabes: eu sou pão-pão.

queijo-queijo; sabes?

CARVALHO

Sei.

SOUSA

Por isso lhe perguntei

qual era sua intenção.

Era casar. Ela quer...

Eu não sou dos mais incautos,

pois não estive pelos autos...

e disse à tua mulher:

“Vamos ver se ele a merece.

Não é seguir boa trilha

entregar um pai a filha

a um homem que não conhece.”

— Portanto, a missão que trago

é indagar; tu bem compreendes



que, se a filha me pretendes  
e eu não te conheço, indago.

CARVALHO  
Ele é só?

SOUSA  
Tem uma irmã  
viúva e muito bonita,  
que nesta cidade habita.

CARVALHO  
Tu viste-a?

SOUSA  
Certa manhã  
vi-lhe o retrato: é bonita  
Ele ficou de voltar  
para saber da resposta;  
minha filha está disposta  
a se esquecer, ou casar.  
Minha medida acertada  
não achas?

CARVALHO  
Acho.

SOUSA (*inflamando-se*)  
Pois bem;  
sabes, compadre, com quem  
casava a tua afilhada,  
se eu não fizesse este exame?

CARVALHO (*intrigado*)  
Com quem?

SOUSA (*indignado*)

Com um homem nojento,  
um tipo asqueroso, odiento,  
maroto, velhaco, infame!

CARVALHO (*benzendo-se*)  
Valha-me Nossa Senhora!

SOUSA  
Esse covarde, esse réu  
de polícia, é chichisbéu  
da sujeita que aqui mora!...

CARVALHO  
De Valentina?! Não!... Qual!...  
Enganaram-te compadre...  
Pintaram contigo o padre...  
Aqui não entra um mortal!

SOUSA  
Não entra! Digo-te mais:  
esse miserável homem.  
qual outros que à custa comem  
destas harpias sensuais,  
pelas famílias malditas,  
é quem às compra lhe vai,  
quem com ela às vezes sai...  
É quem lhe traz as visitas!...

CARVALHO  
E tu, por mais que me digas,  
compadre, estás enganado.

SOUSA  
'Stou muito bem informado:  
é seu chichisbéu!

CARVALHO

Cantigas!

SOUSA

Tens uma venda nos olhos,  
pois deixa que hei de arrancar-ta  
enquanto é tempo, te aparte  
destes ásperos abrolhos.  
Não seja o tipo eterno  
do ridículo matuto,  
o lorpa, o simples, o bruto,  
sem juízo, sem governo!  
a quem já nem mesmo importa  
mulher ou filha, se topa  
um desses demos que a Europa  
todo os dias exporta!  
Como vês, compadre, aqui,  
a este lupanar lascivo,  
me trouxe melhor motivo  
que o mau que te trouxe a ti.  
Meu espírito recua  
em frente desta desonra:  
mas venho salvar a honra...  
e tu vens perder a tua...  
— Que mal vos fazem, serpentes —  
víboras vis, — não direi  
homens assim (*Aponta para Carvalho*)  
que bem sei  
vos procuram imprudentes;  
porém a esposa, que vive  
da confiança do esposo,  
e perde da alma o repouso  
ao mais ligeiro declive  
da sua felicidade?!  
É o filho, cujo futuro  
‘stá no respeito seguro  
do pai pela sociedade?...  
Tua mulher nunca teve

brilhantes. Nunca lhos deste,  
e contudo os dá a peste  
que na corte te reteve,  
enquanto lá na fazenda  
o obrigação te esperava  
e ao deus-dará tudo andava!...  
— Que o que digo não te ofenda;  
mas o teu procedimento,  
compadre, não tem desculpa!  
Não lava tão grande culpa  
sincero arrependimento!  
— Vamos! nem mais estejamos  
em casa desta mulher!  
Amanhã, se Deus quiser,  
o trem de ferro tomamos. (*Pegando na joia*)  
A joia! ninguém a pilha!...  
Sou eu que a quero guardar. (*Abrindo a caixa*)  
Olha, isto fica a matar  
na orelha de tua filha... (*Guarda a joia na algibeira*)  
Como hás de ficar contente  
— parece-me estar a ver —  
quando Laura agradecer  
um tão bonito presente.  
Ouve os meus conselhos sábios:  
de Laura os beijos na testa,  
certo valem mais que o que esta  
mendiga te dá nos lábios.  
Vamos! Anda! (*Dá-lhe o chapéu e o sobretudo*)

CARVALHO (*vestindo o sobretudo e pondo o chapéu*)  
Não discuto  
sobre a verdade dos fatos,  
que não sei se são exatos,  
nem mentirosos reputo.  
Vamos embora, mas quero  
que, antes de irmos, te convenças  
desses boatos que ofensas

me parecem.

SOUSA

Pois espero

Nós aqui, com alguma arte,  
tudo havemos de descobrir;

tomara que eu possa rir

de maneira que me farte. (*Dispondo-se a sair*)

Espera-me alguns instantes,

Em casa desta jiboia

não há de ficar a joia.

Confia-me os teus brilhantes. (*Sai*)

## CENA II

*Carvalho, só.*

CARVALHO

Zombaram do compadre! Aquele coração  
não pode alimentar tamanha perversão!

Valentina é um anjo: as lágrimas que chora  
não se podem fingir. Não digo que me adora,  
mas ama-me, decerto. Um anjo, que me diz:

“Se tu não fosses rico, eu era mais feliz!”

Eu não lhe pago o amor; apenas eu lhe pago

as cadeiras, o leito, o canapé que estrago

e os quadro que desfruto. O mal, o grande mal

foi vê-la e gostar dela. É muito natural

que um velho feio, achando uma mulher que o ame  
que, sem saber se é rico, o seu amor reclame,

sinta que lhe desperta o morto coração. (*Pausa*)

Mas o compadre... Não! Não é possível! não!

O compadre... Ora adeus! Até causou-me tédio!

Vamos, Joaquim Carvalho: o que não tem remédio  
remediado está. É preciso sair!

Mas não como ele quer; sair e não fugir!

A ingratidão não está na minha natureza.

As bichas hão de ser a última despesa...

### CENA III

*Carvalho, Gustavo.*

GUSTAVO (*entrando sem cerimônia, sem reparar em Carvalho, pela esquerda, segundo plano*)

VALENTINA (*Vê Carvalho e tira o chapéu atrapalhado*)  
Perdão... perdão...

CARVALHO  
Quem é?

GUSTAVO  
Senhor,  
eu vinha procurar... o doutor... o doutor...

CARVALHO  
O senhor, ao entrar, exclamou: — Valentina!  
Pois é quem mora aqui. Que quer dessa menina?

GUSTAVO  
Não! Vossa senhoria enganou-se...

CARVALHO  
Ora qual!  
Ouvi distintamente o seu nome.

GUSTAVO  
Ouviu mal.

CARVALHO  
Pior é essa! Ouvi — Valentina!

GUSTAVO

Eu procuro  
o doutor... Perdigão...

CARVALHO  
Ai, mau!

GUSTAVO (*à parte*)  
Não acho furo! (*Alto*)  
Julguei que aqui morasse o Doutor Perdigão:  
É vossa senhoria?

CARVALHO  
Ai, mau!

GUSTAVO (*à parte*)  
Que entalação!

CARVALHO  
Antes de entrar aqui, devia bater palmas!  
Nesta população de quinhentas mil almas  
só o senhor assim procede!

GUSTAVO  
Mas, senhor,  
eu vinha procurar o doutor...

CARVALHO  
Que doutor!  
A senhora que aqui reside não é dessas...  
Vá lá! Não continue! Sai-lhe o trunfo às avessas!

GUSTAVO  
Pois bem, adeus; perdoe um desalmado!

CARVALHO  
Bem! (*Enquanto Gustavo sai por onde entrou*)  
Aqui não se costuma a desmentir ninguém.

## CENA IV

*Carvalho, só.*

CARVALHO

Que grandíssimo idiota!

Talvez que também suponha...

É muito pouca vergonha...

*(Depois de dar alguns passos pela sala, para, como ferido por uma ideia súbita)*

Esperem! Este janota

será o tal chichisbéu

de quem falou inda há pouco

o meu compadre?... Estou louco!

Não pode ser. Deus do céu!

Porém verdade, verdade,

não deve entrar um estranho

assim com tanto arreganho,

com tamanha liberdade

em casa e uma pessoa

que não conhece! Ele entrou,

e "Valentina" gritou!

Havia de entrar à toa

sem que por ela estivesse

autorizado? Não vê!

Ah! compadre, que você,

se não tem razão, parece...

*(Fica pensativo. Senta-se no sofá)*

## CENA V

*Carvalho, Sousa.*

SOUSA *(entrando pela esquerda, segundo plano, e indo a Carvalho)*

Donde estão os teus brilhantes

nem mil mulheres os tiram! *(À parte)*

Do bolso meu não saíram;

é bom que os julgues distantes



pelas dúvidas... (*Alto*)  
Então?  
Que tens, que estás pensativo?...  
dessa tristeza o motivo  
ou motivos quais são?  
Dar-se-á caso que o remorso  
dos teus negros pecadilhos  
contra a esposa e contra os filhos  
se te escarranchasse ao dorso?  
Serão saudades pungentes  
daqueles que tanto adoras?  
Como eles choram, já choras?  
O que eles sentem já sentes?  
Ou simplesmente suspeitas  
são de que verdade era  
quanto disse da megera  
por quem a perder te deitas?

CARVALHO (*erguendo a cabeça*)  
Não é nada.

SOUSA  
Dentro em pouco  
sucede à melancolia,  
que o teu semblante anuvia  
um contentamento louco!  
(*Aproximando-se de uma das janelas e entreabrindo a cortina com a bengala*)  
A recrudescer começa  
o movimento das ruas. (*Consultando o relógio*)  
Já passa um quarto das duas. (*Olhando para a rua*)  
Compadre, vem cá depressa!

CARVALHO (*erguendo-se e aproximando-se de Sousa*)  
O que é?

SOUSA (*apontando para a rua*)

Vês ali parado  
aquele sujeito... Aquele...?  
Pois é o chichisbéu!

CARVALHO (*como reconhecendo*)  
É ele!...

SOUSA  
Vais ver se estou enganado,  
ou se é certo o que te disse!  
Há de ficar c'uma cara...

CARVALHO (*olhando para a rua*)  
Lá vem Valentina; para;  
conversa com ele; ri-se!  
Parece que ele lhe conta  
a aventura de inda há pouco...

SOUSA  
Que aventura?...

CARVALHO  
Que descoco!  
Para este lado ele aponta.

SOUSA (*que tem observado;*)  
Espera! Se não me engano  
é a senhora do retrato!

CARVALHO  
Quem? Aquela? (*Aponta*)

SOUSA  
Exato! Exato!

CARVALHO  
Que é Valentina te digo!

SOUSA

Valentina! Valentina!

Ela chama-se Joaquina  
e é mana do tal amigo.

*(Tirando Carvalho pelo braço)*

Depressa! Esconde-te cá  
Por detrás desta cortina,  
se é Joaquina ou Valentina,  
verás!

*(Faz com que Carvalho se coloque atrás da cortina da outra janela.*

*Olhando para a rua)*

Eles aí vem já! *(Indo para a outra janela)*

Eu aqui também me escondo.

Não faças rumor!

CARVALHO *(escondido)*

Descansa.

SOUSA

Deixa, que a nossa vingança  
há de aqui fazer estrondo!

CARVALHO *(pondo a cabeça para fora)*

Mas que queres tu que eu faça?

SOUSA

Se ver tudo não puderes,  
ao menos ouve!

CARVALHO

Ah! mulheres!...

SOUSA *(abrindo a cortina com repugnância)*

Pegar nisto! Que desgraça!

CARVALHO

É preciso ser malvada,

para que esta moça me iluda:  
tantas provas dei...

SOUSA  
Caluda!  
que sinto passo na escada.

*(Desaparecem ambos)*

## CENA VI

*Carvalho, Sousa, escondidos, Valentina, depois Gustavo.*

VALENTINA *(entra pela esquerda, segundo plano, e começa a procurar Carvalho)*

Carvalho! Joaquim Carvalho!

Quincas! Quincas! Carvalhinho!

*(Entra, procurando sempre, na direita, primeiro plano)*

CARVALHO *(a meia voz, pondo a cabeça para fora)*

Que diz a isto, ó vizinho?

SOUSA *(no mesmo)*

É preciso tempo; dá-lho.

*(Escondem-se)*

VALENTINA *(volta e convencida que está só, vai à porta da esquerda, segundo plano, e diz para fora)*

Podes vir, que foi-se embora. *(Vem sentar-se)*

Fecha a porta à chave. *(Gustavo entra)*

CARVALHO *(à parte)*

É ele.

GUSTAVO

Então foi-se embora aquele

'stúpido?

CARVALHO (*na janela, à parte*)

Hein?

VALENTINA

Foi-se.

GUSTAVO

Inda agora  
estava ele aqui.

VALENTINA

Já sei...

já me disseste... Mas vamos...

GUSTAVO

Lá vou.

VALENTINA

Tempo não percamos.

GUSTAVO (*sentando-se em uma cadeira*)

Numa vila em que eu andei,  
hospedou-me um fazendeiro  
que se chama João de Sousa;  
tipo que deve ter coisa  
de cem contos em dinheiro.  
Tem uma filha bem boa;  
tivemos logo um derricho  
pequeno...

VALENTINA

Não passou disso?

GUSTAVO

Nada! Há coisa que mais doa

que uma carga de pau?  
— O pai, que não é simplório,  
deu-me a entender que o casório  
não tinha nada de mau.  
Não refleti um momento...

SOUSA (*à parte*)  
Mas eu é que refleti.

GUSTAVO  
Sem mais nem menos, lhe pedi  
a pequena em casamento...

VALENTINA  
Mas isso não vem ao caso...

GUSTAVO  
Do resto vou pôr-te ao fato:  
eu levava o teu retrato  
comigo, por mero acaso.  
O velhote estava um dia  
a meu lado, e viu nas malas...  
(Eu estava a desarrumá-las..)  
...a tua fotografia.  
Quis saber logo quem era!  
Imagina o que lhe disse  
— fora de certo tolice  
falar verdade.

VALENTINA  
Pudera!  
Na tua situação!

GUSTAVO  
Que eras minha irmão viúva...

VALENTINA

Tira o cavalo da chuva!  
Pois lhe disseste isso?...

SOUSA (*à parte*)  
Cão!

GUSTAVO  
O velho achou-te uma flor!  
Muitos elogios fez-te!  
Enfim, nunca tiveste  
mais sincero admirador!

VALENTINA  
Finalmente... o que concluis?

GUSTAVO  
Que concluo? Ora essa é boa?  
Que do velho na pessoa  
raro tesouro possuis!  
Armamo-lhe um forte logro!  
Ele supõe que és honesta:  
casa-se contigo.

CARVALHO (*à parte*)  
E esta?...

GUSTAVO  
Por esse tempo é meu sogro.  
Liquidamos o que houver (*ação de furtar*)  
e fugimos para a América!  
— Que tal esta ideia?

VALENTINA  
Homérica!

GUSTAVO  
É um país, como se quer,

a América! De lá passamos  
à Itália, à França, à Alemanha,  
à Suíça, à Áustria, à Espanha!  
Todo mundo visitamos!  
quando voltarmos, ninguém  
de nós se lembra, descansa...

VALENTINA

Só de ser rica a lembrança,  
não sei por quê, faz-me bem.

CARVALHO (*à parte*)

Custa-me a crer!

GUSTAVO

Mas que dizes?  
Se tomas conta do pai  
e a filha nas mãos me cai,  
seremos muito felizes!  
Eu, que desveladamente  
faço a tua felicidade,  
batendo toda a cidade,  
buscando quem te frequente,  
venho trazer-te a ventura,  
a independência talvez!

VALENTINA

Mas trata-se desta vez  
de uma arriscada aventura!

GUSTAVO

Que tem que seja arriscada?  
Somos alguns trapalhões?  
Já pensei nas precauções  
que exige a empresa arrojada.  
Minha irmã viúva morreu:  
podes bem passar por ela,



e o marido que foi dela  
passa por marido teu.  
Mudas de nome, isso sim!  
Em lugar de Valentina,  
tu ficas sendo Joaquina.  
Ela chamava-se assim.

*(Batem à porta da esquerda, segundo plano)*

VALENTINA

Quem bate? *(A Gustavo)*

Vai para a sala  
de jantar. Já lá vou ter.

*(Gustavo sai pela direita, segundo plano. Valentina abre a porta. Entra o Joalheiro)*

Ah! é o senhor!

## CENA VII

*Carvalho, Sousa, escondidos, Valentina, o Joalheiro.*

O JOALHEIRO

Vim trazer  
o seu recibo. Esperá-la  
não pude, que o fazendeiro  
estava aqui.

VALENTINA

Bem, dê cá.

*(O Joalheiro dá-lhe o recibo, que ela lê)*

O JOALHEIRO

‘Stá tudo conforme?

VALENTINA

Está! *(Tirando um maço de notas da bolsa e dando-lhas)*

Aqui tem o seu dinheiro.

O JOALHEIRO (*depois de contar as notas*)

Dois contos. Está exato. (*Guardando-as*)

Muito obrigado. — A menina

fez um negócio da china!

Por um preço tão barato

nunca brilhantes daqueles

ninguém possuiu!

VALENTINA

Lamento

que aquele tolo e avarento

não pagasse tudo.

O JOALHEIRO

E eles.

Os brilhantes? Já lhos deu.

o fazendeiro?

VALENTINA

Inda não;

mas não tarda aí.

SOUSA (*à parte*)

Ladrão!

O JOALHEIRO

Pois aproveite-o.

CARVALHO (*à parte*)

Judeu!

O JOALHEIRO (*apertando-lhe a mão como para retirar-se*)

Se os brilhantes quer vender...

VALENTINA

Por quanto?

O JOALHEIRO

Por cinco contos...

VALENTINA (*pensando*)

Ganho três

O JOALHEIRO (*deixando de apertar-lhe a mão e batendo no bolso*)

Já cá estão prontos;  
se quiser, é só dizer...

VALENTINA (*pensando*)

Não é má ideia, não... (*Resoluta*)

Vou consultar com Gustavo...

Espere um pouco...

(*Sai pela direita, segundo plano*)

## CENA VIII

*Sousa, o Joalheiro, Carvalho.*

O JOALHEIRO (*que se julga só*)

Bravo!

Um conto de pé pra mão!

SOUSA (*saindo do seu esconderijo e tomando o braço do Joalheiro*)

Passe já para cá os cinco contos. Já!

Não pense! Não reflita! A joia, ei-la aqui está!

(*Tira a joia da algibeira e arremessa-a aos pés do Joalheiro*)

O JOALHEIRO (*atônito, apanhando a joia*)

Mas, senhor...

CARVALHO (*da cortina*)

Não recuse! Em flagrante delito

por crime preso está de estelionato!

*(Puxando um apito, a Sousa)*

Apito?

SOUSA

Não apites! não! — Já cinco contos de réis!

E dê-se por feliz que eu não lhe peça os seis!

O JOALHEIRO *(a Carvalho)*

Mas vossa senhoria há de passar recibo!

*(Dá o dinheiro a Sousa)*

Carvalho eu dou-lhe o seu, cá está! *(Dá-lho)*

SOUSA *(tendo verificado o dinheiro)*

E saiba que o proíbo de estar

mais tempo aqui! Já! Rua!

*(O Joalheiro sai pela esquerda, segundo plano)*

CARVALHO

Muito bem!

SOUSA

Esconda-se, compadre: os ladrões aí vêm.

## CENA IX

*Carvalho, Sousa, escondidos, Valentina, Gustavo.*

VALENTINA *(entrando pela direita, segundo plano, acompanhada por Gustavo)*

Já cá não está,

GUSTAVO

Foi-se embora?

VALENTINA

Arrependeu-se talvez...

GUSTAVO

Pois olha: mesmo por três  
é negócio.

SOUSA

Nós agora!

*(Salta do esconderijo e agarra Gustavo pelo pulso)*

Ai, grandíssimo cachorro!

CARVALHO *(o mesmo com Valentina)*

Canalha! corja! canalha!

SOUSA *(agitando a bengala)*

Vais ver como isto trabalha!

CARVALHO

Pede já perdão!

VALENTINA *(caindo de joelhos)*

Socorro!...

CARVALHO *(cruzando os braços)*

Pois lucrei com a minha vinda aqui!

SOUSA

Com que tua irmã

é uma torpe barregã,

e tu és mais torpe ainda!

Apanha! *(Dá-lhe com a bengala)*

GUSTAVO *(esquivando-se)*

Senhor!

SOUSA *(perseguindo-o e dando-lhe)*

Apanha!

Toma! Toma!

GUSTAVO (*no mesmo*)

Ai! Quem me acode?

SOUSA

Toma, patife!

GUSTAVO

Não pode!

*(O Joalheiro entra pela esquerda, segundo plano e interpõe-se)*

CARVALHO

Pouca vergonha tamanha

nunca se viu!

O JOALHEIRO (*apartando Sousa e Gustavo*)

Mas que é isto?

SOUSA

Deixe matar este cão!

CARVALHO (*a Gustavo*)

Que é do doutor Perdigão?

O JOALHEIRO

Que fez o pobre de Cristo?

VALENTINA (*como ferida por uma ideia súbita*)

E a joia?

*(Cai desmaiada em uma cadeira; Sousa e Carvalho dão-se o braço e descem à cena. Gustavo corre para Valentina, e vendo que está desmaiada, sai pela direita, primeiro plano. Saída falsa. O Joalheiro fica ao fundo como que apreciando)*

SOUSA (*a Carvalho*)

'Stá satisfeita  
de todo a nossa vingança!  
Partamos sem mais tardança!

CARVALHO

É compadre, a conta feita,  
saio com o cobre que trouxe.

SOUSA

Eu sinto um prazer estranho;  
mas hei de tomar um banho  
quando sair deste alcouce.

GUSTAVO (*volta com um frasquinho, que faz aspirar Valentina*)  
Valentina!

SOUSA (*ao público*)

O exemplo importa  
da estranha aventura nossa,  
não só aos tolos da roça  
como aos espertos da corte.



**Iba Mendes Editor Digital**  
**[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)**